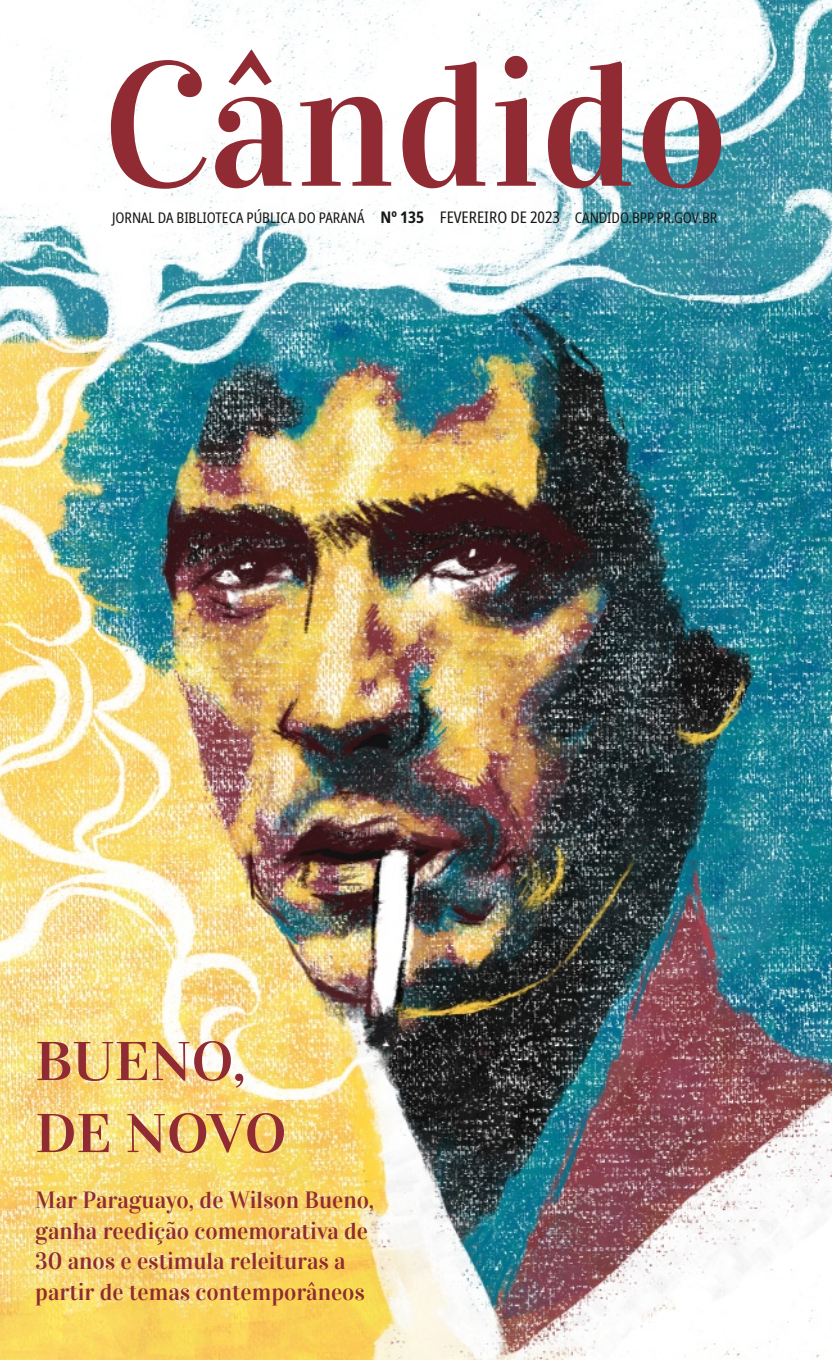


Cândido

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ Nº 135 FEVEREIRO DE 2023 CÂNDIDO.BPP.PR.GOV.BR



BUENO, DE NOVO

Mar Paraguayo, de Wilson Bueno,
ganha reedição comemorativa de
30 anos e estimula releituras a
partir de temas contemporâneos

Índice

3 ESPECIAL

Fronteira fascinante

Hiago Rizzi

13 ESPECIAL

Marafona soy yo

17 ESPECIAL

Voy a naufragar en el Mar Paraguayo

Hilda Hist

20 FLIBI

O Brasil da desesperança

com Lucas Lazzaretti e Tatiana Salem Levy

mediação de Christian Schwartz

28 CONTO

À sombra das tuas asas

Taylane Cruz

33 POESIA

O deserto de sinais e outros poemas

Rollo de Resende

38 FOTOGRAFIA

Folha de rosto

Patrícia Pölzl

46 TRADUÇÃO

A tradição e outros poemas

Jericho Brown

por Stephanie Borges



Fron teira fascinante

Hiago Rizzi



Reedição crítica de *Mar Paraguayo* (1992) reafirma a complexidade da trajetória literária e pessoal de Wilson Bueno

Este pode ser um breve resumo biográfico sobre Wilson Bueno: nasceu em Jaguapitã (PR), em 1949. Viveu com a família em Curitiba de 1955 até 1968, quando mudou-se para o Rio de Janeiro — onde chegou aos 19 anos e passou parte da ditadura. Voltou em 1977, um dia depois da morte de Clarice Lispector. Começou a editar o jornal *Nicolau* em 1987, parou de beber em 1990 e deixou a redação em 1995. Foi assassinado em sua casa, no bairro Tingui, em 2010. Isso tudo sem falar nos seus mais de 20 livros.

A obra mais conhecida de Wilson, *Mar Paraguayo* (1992), esgotada há anos no Brasil, acaba de ganhar uma reedição especial, pela Iluminuras, em comemoração aos 30 anos de lançamento. O monólogo da marafona, uma prostituta que vive em Guaratuba, no litoral paranaense, é escrito em português, espanhol, guarani e portunhol — a língua extraoficial da fronteira. Com o aparato de textos críticos, notas de apoio e uma revisão bibliográfica sobre outras publicações do autor, o livro tem organização do escritor Douglas Diegues e do tradutor Adalberto Müller.

Mar Paraguayo também é uma amostra da complexidade de Wilson Bueno. Além da multiplicidade de línguas, a narrativa poética e o enredo são híbridos — “Não é um romance para se contar ao telefone”, avisa o poeta argentino Néstor Perlongher no prefácio. Antes da sua publicação, capítulos esparsos foram publicados no *Nicolau*, quando Bueno o editava. No evento de lançamento da reedição, realizado no último mês de março, em Curitiba, a poeta Jussara Salazar disse que Wilson “era maior que Curitiba”. Douglas Diegues completou: “Mas também era um pé-vermelho”. *Mar Paraguayo* também é fruto desse cruzamento.

Depois de sua morte, em 2010, foram lançados quatro livros inéditos: *Mano, a Noite Está Velha* (2011),

Mascate (2014, no lado paraguaio da fronteira, pela cartonera de Diegues), *Novêlas Marafas* (2018, no Uruguai) e *Ilhas* (2017). Nesse mesmo período, *Mar Paraguayo* também teve reedições na Argentina e nos Estados Unidos — somadas às que já existiam no Chile, México e França. Ainda assim, pode surgir a impressão de que pouco se fala sobre sua obra.

Para Luiz Manfredini, que biografou o amigo de infância, não há um apagamento do escritor — Wilson Bueno não é conhecido pela natureza da sua obra, desvinculada de modismos. O evento de sua morte, traumático, aumentou o interesse do público, a que se seguiu o lançamento de *Mano, a Noite Está Velha*, no ano seguinte, pela Planeta. Em *A Pulsão Pela Escrita* (2018), Manfredini reforça que Wilson passou os últimos anos da sua vida se dedicando completamente ao trabalho.

Jussara Salazar recorda que ele era escritor em tempo integral, consciente sobre seu trabalho, produzindo de forma metódica. Por outro lado, o moralismo em torno de seu assassinato, envolvendo um garoto de programa, caiu como uma bomba: “De forma involuntária, as coisas vão se calando, o que está vivo é mais forte. Curitiba se calou”. Há, ainda, a implicação de gerações que não conheceram ou não tiveram acesso facilitado aos seus livros.

Inevitável desbunde

Wilson construiu seu próprio mito, era performático. Passada a curta infância em Jaguapitã, juntou-se a Manfredini e outros amigos na Alameda Augusto Stelfeld, na região central de Curitiba. Logo veio o primeiro jornal, aos 11 anos, em parceria com Manfredini — uma única edição, de quatro páginas, impressa pela Biblioteca Pública do Paraná. Durante a adolescência, a dupla frequentava o Centro Juvenil de Letras do Paraná e a Boca Maldita, ponto de encontro de políticos, escritores e jornalistas da cidade, onde eram os mais jovens.

Muito cedo, Bueno conheceu personalidades como Dalton Trevisan e Jamil Senege, outra amizade duradoura. Na mesma época, procurou Francisco Pereira da Cunha, dono da *Gazeta do Povo*, e garantiu sua primeira coluna em um jornal. “Wilson era meio andarilho”, lembra Manfredini. Assim chegou ao Rio de Janeiro, em maio de 1968. No ano seguinte foi preso, quase por engano. Como em toda a sua vida, Wilson não era engajado politicamente, mas sem saber estava hospedado em uma pensão ocupada por membros da Ação Libertadora Nacional, fundada por Carlos Marighella.

No cárcere por menos de um mês, foi vítima de tortura psicológica — seu algoz foi anistiado em 2013. Trabalhou em diversas rádios e jornais, além de colaborar com o Mobral (Movimento Brasileiro de Alfabetização). Nas redações, teve contato com Nelson Rodrigues e João Antonio — os dois trocaram mais de 200 cartas ao longo dos anos. “Mais que a relação entre eles, as cartas revelam questões, angústias, ansiedades e inseguranças literárias que Wilson vivia em cada época”, comenta Manfredini sobre o acervo.

Em paralelo, a cidade lhe trouxe a convivência com figuras icônicas — há registros de encontros com Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector, Burle Marx e até mesmo Madame Satã. Bueno foi um dos moradores do Solar da Fossa, espécie de república hippie em Botafogo por onde passaram Gal Costa, Caetano Veloso, Paulinho da Viola e Ruy Castro, entre outros. O alcoolismo e a marcação da ditadura, no entanto, o impediam de continuar nos empregos.

No final de 1977, voltou a morar na casa da família no Tinguí. Em cartas a João Antonio, titubeava sobre o desejo de voltar ao Rio de Janeiro — chegou a fazê-lo em outro momento, mas por pouco tempo. Para Curitiba, levou o desbunde carioca: continuou a usar batom e a encontrar parceiros noite afora, só atenuando o comportamento na frente dos pais. “Não existia nenhuma crise no universo íntimo dele”, afirma Jussara sobre sua sexualidade, que conheceu em outra fase, em 1995, quando já havia trocado as regatas e tamanhos por moletons e tênis esportivos.

Antes de ser funcionário comissionado pela Secretaria de Estado da Cultura, órgão que editava o *Nicolau*, trabalhou na Grafipar, editora de quadrinhos e revistas eróticas, e na coordenação da assessoria de comunicação do Teatro Guaíra. Também engrenou colaborações para os jornais *O Estado do Paraná*, *Gazeta do Povo* e *Jornal do Brasil*. O lançamento do seu primeiro livro, *Bo-lero's Bar* (1986), e o surgimento do *Nicolau*, em 1987, colocaram seu nome em um novo patamar.

Quadro de intensidades

O *Nicolau* foi um dos jornais culturais mais importantes do país. Entre 1987 e 1998, suas 60 edições tiveram a colaboração de centenas de jornalistas, escritores e artistas e dezenas de embates públicos entre representantes do jornal, leitores e o poder público, somados a incontáveis dramas de bastidores que vêm à tona de tempos em tempos. Wilson Bueno foi a peça central de quase todos esses acontecimentos.

Já com o prêmio de melhor veículo de divulgação cultural recebido pela Associação Paulista de Críticos de Arte, o jornal enfrentou sua primeira crise em 1989, com a saída de toda a equipe, exceto Wilson. A formação de um conselho editorial sem a presença de representantes da própria redação motivou a debandada, que incluiu Josely Vianna Baptista, assistente editorial, e Luiz Antonio Guinski, responsável pelo projeto gráfico. Para alguns leitores, foi o começo do fim.

O temperamento e o alcoolismo de Bueno têm parte nessa história. Um ano depois, parou de beber. Com uma nova equipe o *Nicolau* manteve-se angariando prestígio e prêmios até 1994, quando começou a intervenção de Eduardo Rocha Virmond Bueno, então novo secretário de Cultura do Paraná. Sob a premissa de se tornar um jornal mais plural, o *Nicolau* desmontou-se: a equipe restante se demitiu no início de 1995. Saíram mais cinco números sem a presença de Bueno, até a publicação ser oficialmente extinta, em 1998. Cir-

cula a informação de que há uma última edição dos tempos áureos nunca publicada, guardada por colaboradores.

Wilson se aposentou do jornalismo e passou a se dedicar exclusivamente à escrita, no que a superação do vício tem papel substancial. Apenas seu primeiro livro, *Bolero's Bar* (1986), foi lançado enquanto enfrentava a dependência. “Os grandes livros vieram depois. *Mar Paraguayo* é o desbocado”, reforça Jussara Salazar. A morte do amigo Paulo Leminski, causada por uma cirrose hepática, inspirou uma mudança radical. Continuou a ser divertido e cercado por amigos, mas investindo em hábitos saudáveis, com atividade física e análise regular.

Nos relatos sobre ele, existem algumas constantes: 1) Era uma pessoa muito sedutora, 2) apesar do círculo social amplo, sentia-se só, e 3) sua morte foi uma tragédia anunciada, inclusive pela sua obra. Para Jussara, as experiências intensas do escritor foram colocadas na literatura. “Wilson Bueno fez parte de uma geração que não existe mais, junto com Hilda Hilst, Clarice Lispector e Caio Fernando Abreu. Ele não perdeu o lado transgressor, mas o domesticou”, afirma. Dos hábitos do passado, preservou apenas as idas a saunas.

Fora das sombras

Em 2014, grupos de teatro de Curitiba foram convidados pela atriz Nena Inoue a construírem dramaturgias a partir de autores paranaenses. À Selvática Criações Artísticas coube lidar com as mutações de Wilson Bueno. O poeta e artista Francisco Mallmann se baseou em *Bolero's Bar*, *Mano*, *a Noite Está Velha* e relatos sobre a vida do escritor para montar *Pinheiros e Precipícios*, com direção de Ricardo Nolasco.

A peça teve uma leitura em 2015 e foi apresentada oficialmente no Festival de Teatro de Curitiba do ano seguinte, com a participação de Claudete Pereira Jorge

(1954-2016), em uma de suas últimas atuações. Mallmann não chegou a ter trocas literárias com Bueno antes de sua morte, mas o veterano tornou-se uma inspiração para seus trabalhos, seja em linguagem, ao pensar gênero ou na relação com a cidade. A lacuna da convivência, no entanto, instiga a aproximação. “Desejar saber é o que me aproxima da obra”, afirma.

Jussara acredita que os temas de Bueno — hibridiz, gênero e linguagem — continuam presentes porque estão em crise, e têm seus discursos em constante atualização. “Avançamos muito, mas também vivemos um claro retrocesso. O conservadorismo saiu do armário com o progressismo”, pontua. Outro autor diretamente influenciado por Bueno é o amigo Douglas Diegues. Ele também adotou a hibridiz em sua obra, sendo um filho da fronteira. Quando começou a escrever, se perguntava como escrever portunhol sem copiar *Mar Paraguayo* — então nasceu o “portunhol selvagem”, por onde segue sua produção.

Para os que pegaram o bonde andando, caso de Francisco, há um duplo desafio: tomar Wilson Bueno como contemporâneo, em sua radicalidade, sem responsabilizá-lo anacronicamente por demandas atuais, como as discussões sobre identidade de gênero, por exemplo. “Sei o que me chega a partir da obra, os ruídos e imagens não normativas, mas não sei como ele articulava isso enquanto vivência. Que tipo de projeção eu faço sobre essa figura? É muito delicado”, pondera.

Mano, a Noite Está Velha (2011), é um acerto de contas com a família, escrito após a morte da mãe, em 2007, segundo relato do analista que o atendeu por duas décadas. Numa narrativa confessional dirigida ao irmão, que poderia ser do próprio Bueno ao irmão Nilson, também falecido, o personagem retoma a infância e o afastamento condizente ao crescimento dos dois, com mágoas e interditos do ambiente doméstico. Seu pai morreu em fevereiro de 2010, meses antes de sua própria morte.

O evento afetou não apenas os leitores, escritores e pessoas próximas, mas particularmente pessoas LGBTQIA+. A tragicidade tende a marcá-lo como um escritor maldito, mesmo que não seja condizente com sua biografia e produção. Esteve mais para um *enfant terrible*.

Bolero curitibano

Guilherme Gontijo Flores, então estudante de Letras da Universidade Estadual do Espírito Santo, ficou curioso ao esbarrar em *Amar-te a Ti Nem Sei Se Com Carícias* (2004) em um saldão das Loja Americanas. Ele não havia sido apresentado ao autor em aulas, e o livro seria finalista do Jabuti em 2005. “A linguagem de *Mar Paraguayo* não tem nada a ver com *Meu Tio Roseno, a Cavallo*. Se comparado a *Amar-te a Ti*, tem outro salto de linguagem. Assim como com os poemas e as crônicas”, aponta o escritor e pesquisador.

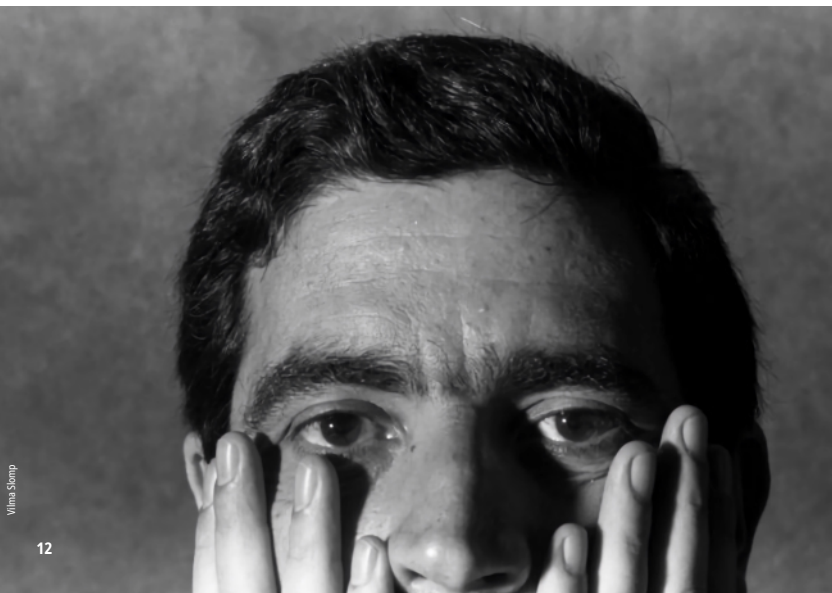
Para Gontijo, a recusa de uma assinatura ou do desenvolvimento de um único estilo como uma marca registrada é a maior potência de Wilson Bueno. *Meu Tio Roseno* (2000) dialoga com Guimarães Rosa, enquanto *Amar-te a Ti* (2004) referencia Machado de Assis. Em *A Copista de Kafka* (2007), a narradora convive com o autor alemão. Em suas experimentações, tem destaque ainda os bestiários *Manual de Zoofilia* (1992), *Jardim Zoológico* (1999) e *Cachorros do Céu* (2005), com excertos poéticos sobre diferentes espécies de animais, e as obras com tankas e haicais *Pequeno Tratado de Brinquedos* (1996) e *Pincel de Kyoto* (2007).

Há também ao menos três conjuntos inéditos em poesia: *35 Poemas de Amor*, *13* (sonetos eróticos) e mais de 50 tankas sob o título *Casa do Poeta*. Para o público infantil, escreveu *Os Chuvosos* (1999) e *O Gato Peludo e o Rato de Sobretudo* (2009). *Novêlas Marafas* (2018) faz uma ligação com *Mar Paraguayo*, acrescentando ao elucidário, como nomeou seus glossários, termos em árabe. Em 2007, junto à reedição aumentada das crôni-

cas ficcionais sobre Curitiba de *Bolero's Bar*, a Travessa dos Editores publicou *Diário Vagau*, com relatos mais afinados com a realidade, em suas palavras.

Para Adalberto Müller, Bueno é um vanguardista, mas difere de Leminski, dos irmãos Campos ou de James Joyce. “*Mar Paraguayo* fala de um indígena que vai se formando agora, preocupado com sua ancestralidade, mas que se coloca diante de uma sociedade contemporânea e questiona, por exemplo, sua sexualidade. Hoje temos lideranças indígenas, como a ministra Sônia Guajajara. Há uma mudança de paradigma e ele estava atento a isso”, afirma o pesquisador.

Não por acaso, diversos trabalhos acadêmicos continuam a surgir investigando diferentes facetas dessa vasta produção — existem pesquisas a partir dos bestiários, das questões fronteiriças, pela perspectiva de gênero e das relações com a cosmogonia indígena. “Tudo o que Wilson Bueno escreveu é contemporâneo”, completa Manfredini. <



Marafona soy yo

Novas leituras da obra de Bueno levantam debates sobre questões identitárias e de linguagem

Há alguns anos, os alunos da disciplina de Teoria Literária da Universidade Federal Fluminense (UFF) leem, regularmente, *Mar Paraguayo* — os debates partem tanto da ancestralidade indígena guarani quanto das questões de gênero, na língua e identidade. O professor, Adalberto Müller, inclusive percebe que os jovens veem a marafona, protagonista e narradora do livro, como uma travesti ou uma mulher trans.

Quando *Mar Paraguayo* foi lançado, há 30 anos, a identidade de gênero e a sexualidade já tinham precedentes literários contemporâneos nacionais, como *Stella Manhattan* (1985), de Silviano Santiago, e toda a obra de João Silvério Trevisan e Cassandra Rios, por exemplo. Wilson, entretanto, “é de uma geração que não sai do armário ostensivamente, na literatura, especialmente em Curitiba”, nota Müller.

O entrave surge a partir das leituras que sugerem um hibridismo em diferentes instâncias de *Mar Paraguayo*: as fronteiras geográficas, culturais, de gêneros literários e de linguagem e — por que não? — de identidade de gênero da personagem. A pesquisadora Nádia Florentino, em tese defendida para o doutoramento em Letras na Universidade Estadual Paulista (Unesp),

em 2016, conclui que este hibridismo “não é inédito no sentido dos caminhos que foram escolhidos para a construção desse romance, mas reflete uma tendência e estabelece diálogos significativos com outras obras, em uma constante ruptura e re-leitura da tradição literária e cultural”.

Uma das entradas para essa linha de raciocínio é o uso do termo *cuñambatará*, descrito por Bueno em seu elucidário como “prostituta; mulher de vida desregrada”. Para o poeta e etnógrafo Gregorio Gómez Centurión, consultado por Adalberto Müller, a partir das fontes de pesquisa de Wilson para o espanhol e guarani, *cuñambatará* equivale a “indefinida, indecisa, ou de caráter ambivalente” e, ainda, uma “ave multicolor”.

“Mas acho que ele usa a marafona como subterfúgio para colocar questões homoafetivas, sobretudo o olhar dela para o jovem musculoso que anda pelas praias de Guaratuba, e por quem desenvolve uma espécie de viagem a um universo ao mesmo tempo da sexualidade e arcaico, ancestral”, pontua Müller. Segundo ele, o olhar para o corpo masculino, as cenas de violência e sequências com teor sexual encarnadas pela prostituta fogem da normatividade heterossexual e cisgênera indiciando uma figura *queer*, a partir da teoria da filósofa Judith Butler — além de um binarismo feminino / masculino.

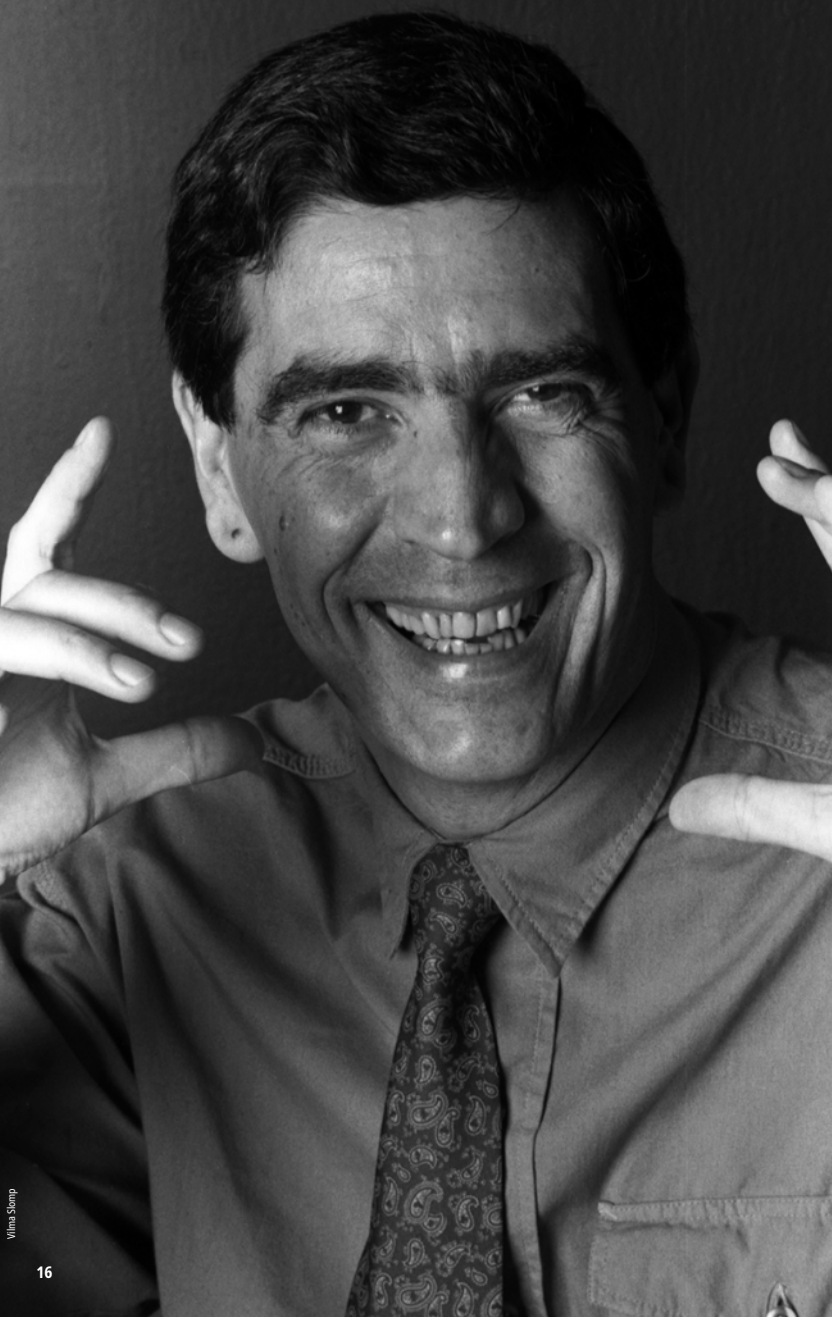
Em entrevista ao jornal *Rascunho*, Wilson disse que a personagem é inspirada em todas as marafonas argentinas que conheceu em bordéis do Rio de Janeiro e Curitiba. “Antes de escrever esse livro, pensei: ‘Vou criar uma personagem bem escrachada, que não tenha nada a ver com essa literatura empolada, de terno e gravata, machista, que se impõe com um viés de fundo autoritário’”, relatou. O que não é uma resposta definitiva. “A grande genialidade do Wilson Bueno como escritor é exatamente deixar isso na sugestão. Não é algo inequívoco, garantido — e não cabe a nós decidir. Assim como não cabe a nós decidir se Capitu traiu Bentinho. É essa tensão, essa indecidibilidade, que fascina”, afirma Guilherme Gontijo Flores.

A marafona de *Mar Paraguayo* tem um paralelo com a figura de *História de Joia* (2019), de Gontijo. Porém, ao contrário do monólogo de Wilson, Joia é vista exteriormente, descrita na maior parte do tempo por pessoas que não se interessam por ela. “A marafona é uma dessas personagens fascinantes porque é ambígua, como todo ser humano é ambíguo”, conclui. A inadequação à norma e a instabilidade das personagens é o que aproxima as duas obras.

Em 2016, o pesquisador norte-americano Christopher Larkosh, da Universidade de Dartmouth, em Massachusetts, teve um artigo publicado na revista *Transgender Studies Quarterly* com uma parte traduzida de *Mar Paraguayo*. Além do cruzamento entre a autoria masculina e o protagonismo presumivelmente feminino ou transgênero, ele investiga como o texto atravessa as fronteiras de países latino-americanos que viveram ditaduras num mesmo período e faz ligações com o assassinato de Bueno, um latrocínio.

Depois da marafona, não há personagens que tensionam a identidade de gênero em sua obra, reforçando o distanciamento de Wilson do desejo de perpetuar uma estética atemporal. A leitura é de Jussara Salazar, que vai além: “Marafona pode ser um homem, o que é muito mais visceral”. Na condição de mulher, Jussara também tem a impressão de que a personagem é vítima de outra forma de violência, como a doméstica, o que poderia ser investigado nas falas da marafona frente a outras leituras sobre o tema.

“Eu vejo coisas dentro do *Mar Paraguayo* que Wilson dizia na vida. Muitas saídas, ganchos, nós, laços, questões que ele amarra dentro da própria lógica em momentos que não estava falando do livro. Marafona é uma persona, um conceito, uma atitude. Como ele faz com a língua, faz com o gênero. A leitura do livro, somada às construções híbridas de linguagem, narrativas e gêneros, me faz crer que precisamos começar a ler o *Mar Paraguayo* de novo”, completa. <



Voy a naufragar en el Mar Paraguayo

Hilda Hilst

Em sua edição de número 46 (novembro / dezembro de 1992), o jornal *Nicolau* publicou uma matéria sobre “três das muitas vertentes de uma obra que, para além dos gêneros, se quer empenhada apenas na depuração do óbvio”. Wilson Bueno, o editor e assunto da reportagem, não participou da produção daquelas páginas, avisava uma nota. Assinado por vários autores, o material teve a participação de Hilda Hilst, com um poema sobre *Mar Paraguayo*.

O texto, no entanto, não consta na antologia *Da Poesia*, de Hilda, lançada pela Companhia das Letras em 2017. Além do poema, o **Cândido** reproduz dois verbetes do elucidário proposto por Wilson em *Mar Paraguayo*.

Voy a naufragar en el Mar Paraguay
Só pra te assustar — añaretãmeguá!
Voy a naufragar vieja loca que soy
Vieja loca perdida, vieja loca señora
Tan dolorida — añaretãmeguá!
Me voy a morir en el Mar Paraguay
Y acerte llorar. Porque isso fizeste:
Me fizeste chorar com essa língua de flor
Estilete-tulipa-añaretãmeguá!
Vou correndo pro mar, “entrepernas” noturnas
Colorir e embalar
O teu texto de cunas — añaretãmeguá!
Que remansos!
Que babas!
Que salivas candentes!
Que cobras tão meninas!
Que cabras-asinas-añaretãmeguá!
Voy a naufragar en tu Mar Paraguay
Só pra te assustar. E ficar cativa
Da tua rede de teias
Da tua língua de pêlos
Do teu corpo vermelho
Amado andirá-añaretãmeguá!

*

Elucidário

AÑARETÃMEGUÁ: infernal; coisa infernal.

ANDIRÁ: morcego. <

O Brasil da desesperança

com Lucas Lazzaretti e Tatiana Salem Levy

mediação de Christian Schwartz



Dois romancistas discutem como a literatura e a filosofia pensam o abismo intelectual do país, durante a 6ª Festa Literária da Biblioteca Pública do Paraná

Christian Schwartz: Seus livros mais recentes fazem um comentário ficcional sobre o tempo presente brasileiro. O que motiva um, ou uma, ficcionista a tratar de um tempo tão próximo? E quais são os riscos de se fazer isso?

Tatiana Salem Levy: Escrevo sempre a partir de questões muito próximas a mim — mais do que um tempo próximo —, são questões que me tocam por algum motivo. São questões que aconteceram comigo, histórias que ouvi falar ou algum lugar que me tocou, como no caso do livro *Dois Rios* [Record, 2011], um romance que escrevi a partir de dois lugares em que estive: a ilha de Córsega, na França, e a Ilha Grande, que fica no Rio de Janeiro. Escrever para mim é sempre me aproximar muito de alguma coisa da qual preciso me aproximar. E esse romance mais recente, o *Vista Chinesa* [Todavia, 2021], parte de um acontecimento real, que é o estupro de uma das minhas melhores amigas, ocorrido em 2014. Nesse sentido, o tempo aparece porque foi um acontecimento que me tocou no presente. Foi um acontecimento atroz no Rio de Janeiro, em um cenário realmente muito bonito, no meio da floresta, a caminho do Cristo Redentor, no ano da Copa do Mundo e num momento em que o Rio se preparava para as Olimpíadas. Moro em Portugal há 10 anos e, nos primeiros anos, sempre me diziam que saí do país no melhor momento, pois o futuro do Brasil estava acontecendo naquele instante, ouvia isso com muita frequência. Então, de repente, acontece essa violência justamente em um lugar simbólico, nesse cartão-postal, não tinha como a cidade não entrar no romance. Ou seja, a cidade, assim como o tempo presente, tudo isso tinha que aparecer na história.

Lucas Lazzaretti: Por se tratar de ficção, fazer um retrato sociológico no meu livro não cairia bem: não sou retrato de nada, e também não sou Jung para fazer arquétipos de personagens. A escolha de alguém que escreve é sempre contingente e no meu caso foi absolutamente contingente, pois eu tinha passado dois anos fora do Brasil, escrevendo uma tese de 800 páginas sobre um filósofo dinamarquês. Quando voltei, finalizei o *O Escritor Morre à Beira do Rio* [7Letras, 2021], de 360 páginas, que é um romance sem marcação temporal e geográfica exatas. Depois de ter morado nos Estados Unidos do Donald Trump, encontrei, de repente, o Brasil da besta-fera, vi o que estava acontecendo com meus amigos, com pessoas da minha geração. Então parei o que estava escrevendo e iniciei esse livro mais recente, o *Saturno Translada* [7Letras, 2022], a partir de duas propostas: escrever algo que fosse contemporâneo, e não atemporal, e refletir sobre as condições existenciais daqueles personagens. O dado contemporâneo aparecer tangencialmente é mais uma felicidade, ou infelicidade, que pertence a mesma contingência que já comentei. O problema de escrever sobre algo que está muito temporalmente perto é o cadafalso que você vai ter que dar, é como um campo minado que a qualquer momento você pode deslizar para fazer análise conjectural e temporal. Fugir disso me pareceu o maior desafio. Ficar com os personagens para que se eles fossem reverberar algo do tempo deles, isso ia ser fruto daquele fenômeno, em nenhum momento ia dar uma de cientista político, sociólogo, antropólogo, o que quer que seja, é ficção. E tal qual na vida de todos nós, há menos determinações fixas, e mais móveis, do que imaginamos.

Christian Schwartz: Tatiana, em uma nota no livro *Vista Chinesa* você dá mais detalhes sobre os bastidores de criação e decantação da história. Você trabalhou bastante com anotações sobre o relato pessoal de sua amiga. Como funciona esse jogo entre o fato concreto que gerou a ficção e o produto final disponível para os leitores?

Tatiana Salem Levy: Quis escrever esse livro poucos meses depois do estupro e conversei com a minha amiga Joana, que no livro se chama Julia — por se tratar de um romance, muitas coisas são inventadas, muitas coisas não aconteceram de verdade com minha amiga. Para mim, na verdade, o que define se é um romance ou não, não é se aconteceu ou não aconteceu na vida real. Literatura, para mim, é o que você faz com a linguagem, como você conta a história, seja ela um acontecimento real ou não. Logo depois de ter a ideia do livro, engravidei do meu primeiro filho e achei que a história era um pouco pesada demais para escrever durante a gestação. Fiquei com a ideia na cabeça, mas não encarei o livro. Três anos se passaram, e engravidei de novo, dessa vez de uma menina. Mas nessa segunda gravidez aconteceu o contrário, senti uma necessidade grande de escrever esse livro. Por ser o segundo filho, as coisas fluem normalmente, não há tanta preocupação. Mas claro que havia o fato de ser uma menina. O diálogo e a preocupação eram diferentes, uma certa preocupação de mulher para mulher, das mulheres que vieram antes de mim, dessa dor e violência que não estava só com a minha amiga. Parto de uma história individual, mas na verdade é uma história coletiva. Esse livro me ensinou que a literatura é coletiva, senti que estava escrevendo com a Joana, mas também junto com esse monte de mulheres que já foram estupradas e entraram em contato comigo depois da publicação do *Vista Chinesa*.

Christian Schwartz: Lucas, em um artigo seu sobre o Paulo Scott você falou sobre a crise de identidade dos personagens como geradora de um enredo. Você de alguma forma trabalhou a crise de identidade de personagem para gerar enredo nos seus livros, principalmente no *Saturno Transladado*?

Lucas Lazzaretti: Nesse artigo, escrevi sobre uma estrutura de narrativa que se repete em todos os romances, exceto o *Ithaca Road*, do Paulo Scott, e isso me pareceu fantástico. Crise de identidade pressupõe a noção de identidade, que talvez os cinco personagens

do livro não tenham. Quando acontece o que acontece, em termos macrocósmicos, já que se trata de Saturno, o que aparece para os personagens é que eles não têm identidade, a crise parte de uma ausência de identidade. E na obra tento explorar os efeitos disso. Quando se fala sobre “lugar de fala”, pressupõe-se uma ideia totalmente moderna, como se tivesse fixado numa constituição dos seres humanos. Tomamos isso como verdade, mas não é. Na experiência mesmo, a coisa é quântica, a coisa é caótica. E no livro é isso o que eles estão sentindo. A necessidade de impor identidades é uma captura do neoliberalismo: se coloca uma identidade, uma marca, que rapidamente vai ser cooptada por todo o capital para transformar você em um objeto de consumo ou de produção. Tenho influências pós-modernas e falo sobre coisas difíceis, penso a narrativa não como um modo de escrever uma historinha, mas penso a estrutura do texto a fim de dizer alguma coisa a mais para os leitores.



Christian Schwartz: Há uma certa impossibilidade de fixar uma realidade na ficção, hoje em dia já não existe mais a ideia de que o artista vai conseguir espelhar a realidade, aquela coisa do realismo clássico ou do naturalismo. Vocês pensam, de certa forma, nessa acessibilidade de criar uma espécie de “chão real”, onde o leitor vai ter esse senso de realidade? Vocês têm problema em trabalhar com o onírico?

Tatiana Salem Levy: Há uma certa injustiça com os realistas. Eles não pensavam que iam espelhar o mundo, como a gente acha que eles pensavam. O realismo foi muito revolucionário na literatura, trazendo o cotidiano e o homem comum. Fazer literatura é pensar a linguagem no intuito de promover uma experiência, de criar um mundo próprio da linguagem. Diferentemente do senso de que o realismo espelha o mundo real, eu penso o realismo no sentido de criar uma literatura que possa dar uma sensação de realidade. A minha literatura eu escrevo de uma forma muito subjetiva, trabalho com as contradições do inconsciente. O *Vista Chinesa* é o meu livro mais cru, mais “realista”, digamos assim, mas também abre espaço para o onírico. Aliás, o onírico também faz parte da realidade.

Lucas Lazzaretti: O mero fato de que tenhamos que discutir o realismo e o onírico como se fossem coisas distintas é o fato de que o realismo venceu. Ter que chamar de “realismo mágico” para se fazer algum tipo de firula imaginativa, é porque a ordem do dia hegemônica é realista. Realismo significa mimesis, significa representação. Aulinha de filosofia: nós, como modernos, pressupomos que somos sujeitos que produzem representações de uma realidade que está sempre além de nós, atribuindo sentido a essa realidade, através de nossas conceituações. Isso se chama representação. O que eu faço com isso na literatura seria a mimesis, seria a imitação. E a responsabilidade de um artista seria a de ser coerente com aquela representação. O que me interessa na literatura e com os pós-modernos é romper com isso. <



À sombra das tuas asas

Taylane Cruz

Quase não sinto o cheiro de colônia infantil, praticamente evaporou de toda a casa. De joelhos, no meio da roda, tentei suportar o flagelo enquanto pousavam as mãos na minha cabeça, o pastor recitando fervorosamente:

“Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor, pois a antiga ordem já passou.”

Sobre a minha cabeça muitas mãos, mãos cheias de dedos, tentáculos que se multiplicavam, cordas prestes a me enforcar. De olhos fechados, levava sozinha uma enorme pedra até o cimo do meu coração. O pastor prosseguia, trazia na boca as palavras em fogo, cuspiam sobre mim. Eu, nua e sozinha, ardia. *Amém, amém*, o coro à minha volta, as mãos, os tentáculos, eu nua, tentando me cobrir com as mãos frias, *glória, glória, glória*.

“Neste mundo vocês terão aflições; contudo, tenham ânimo! Eu venci o mundo.”

Nua e sozinha, eu me perguntava, com os olhos fechados no umbigo: Como posso vencer o mundo?

“Porque a fé que vocês têm é pequena. Eu asseguro que, se vocês tiverem fé do tamanho de um grão de mostarda, poderão dizer a este monte: ‘Vá daqui para lá’, e ele irá. Nada será impossível para vocês.”

Minha fé não tem sido suficiente? Meu coração é, então, menor que um grão de mostarda? No meio, de joelhos, eu nua e sozinha. Ali, de olhos bem fechados, tentava sentir, recuperar aquele cheiro de colônia infantil que durante dez anos incensou minha casa. Mas quando chegava perto de sentir o cheiro, a palavra do pastor refulgia, ardendo em meu corpo para não me deixar esmorecer, não me deixar cair sozinha na tentativa de sofrer por um perfume infantil. O pastor não perdia o fôlego, de vez em quando, tirava do paletó um lenço e enxugava o pescoço, a testa, seu corpo, febril, estalava.

“O Senhor, o seu Deus, está em seu meio, poderoso para salvar. Ele se regozijará em você; com o seu amor a renovar, ele se regozijará em você com brados de alegria.”

A cada brado do pastor, eu tentava fugir, mas era uma ave implume ao sol do deserto, logo morria.

Quando a sessão acabou, seu corpo caiu. Um silêncio de pedra entrou e se instalou em sua carne quebrantada. Um silêncio sem cor, sem cheiro. Um silêncio de nada. E era o nada apenas o que ela conseguia suportar. As orações a haviam deixado zonzas, com o estômago cheio, vontade de vomitar. Está ficando insuportável engolir tantas palavras. Até palavras amorosas já não consegue aguentar, descem como bolotas de pão. Nem palavras leves, ternas. Está cheia até a goela. Ficou sem coragem de dizer ao pastor, o pessoal da igreja poderia se chatear, acusá-la de ter a fé mais frágil do que um copo de cristal. Mas durante toda a noite ali ajoelhada no meio daquela roda sentia-se uma boneca de pano sendo espetada ininterruptamente por mil agulhas. O que deseja mesmo é saber como vencer o mundo.

Para falar a verdade, o que desejo não é um consolo, não quero me curar. Quero que Deus volte atrás e apague os últimos dias, o caixão branco, minha mão dedilhando as letras na lápide: "PROTEGE-ME COMO À MENINA DOS TEUS OLHOS; ESCONDE-ME À SOMBRA DAS TUAS ASAS". Isso é o que quero, o sumiço daquela lápide. Quero apenas o cheiro puro de colônia infantil pela casa. Mas isso tenho vergonha de pedir porque o pastor disse que é fraqueza não sustentar a cruz, que todos temos nossa própria cruz e é preciso arrastá-la com dignidade até o fim. Por isso aceitei as sessões de expurgo. O pastor falou: "Vamos exorcizar você, tirar essa dor".

Caída no meio da sala esperou. Recitava quase sussurrando: *“Devido ao aumento da maldade, o amor de muitos esfriará”*. Adormeceu dentro das palavras, congelou dentro delas. Quando a casa abriu o sol, a luz entrou e tangeu o silêncio, limpou os restos das orações, algumas palavras estavam espalhadas, outras incrustadas no tapete ou serpenteando pelo chão. Ali enregelada ela foi despertando e, aos poucos, quebrando a casca das palavras dentro das quais congelou. Acordou graças aos estridentes miados. Ainda anestesiada tentou tatear o sofá, percebeu que o silêncio duro e frio havia ido embora. Quando se deu conta, os dois filhotes ali diante dela reclamavam atenção. Ela ainda estava se habituado com eles na casa, haviam sido dados dias antes, de presente para a menina brincar e aprender a cuidar. Agora o que fazer com eles? Saltaram em seu colo, ela trincou, o coração tentando se defender do susto, não suportava mais ser perfurada pelo amor. Eles queriam brincar. Ela então deixou, aninhou-os entre as coxas. Ficou alguns instantes com os filhotes no tapete, eles miúdos, desastrados, recém-chegados à vida. Ela riu. E foi como chicote em seu sexo aquele riso, pois sabia que, mais tarde, à noite, ou mesmo a qualquer hora do dia o silêncio voltaria. Mas por um instante fingiu aguentar a dor, suportar o lancinante afago da vida. Enquanto segurava os filhotes entre as coxas, fingiu não ver a enorme pedra no cimo do morro prestes a rolar e a esmagá-la como todos os dias desde que sua menina, sem ninguém perceber, correu e se atirou daquele precipício numa manhã cristalina de abril. <



Taylane Cruz é jornalista e escritora, natural de Aracaju (SE). Publicou *Aula de Dança e Outros Contos* (2015), *A Pele das Coisas* (2018), *O Sol dos Dias* (2020) e *Para a Hora do Coração na Mão* (2021). É cronista na revista *Rubem* e membro da Academia de Letras de Aracaju.

O deserto de sinais e outros poemas

Rollo de Resende

o deserto de sinais

estamos voltando para grifolux.
miriápolis não dava mais.
juntamos nossas coisas
e atravessaremos o deserto de sinais.
é verdade, aprendemos muitas canções
em miriápolis.
mas quase esquecemos como lateja
o vivificante sol de grifolux.
deixamos convivendo no cercadinho:
brutos e mansos de coração,
vales e montanhas,
relicários e estantes de tábuas e tijolos,
claridade e a escuridão.
como quando dentro da noite do espírito
pingasse uma gota de bem-aventurança.
viver esta sede
era o que nos possibilitava ao meio-dia
ouvirmos noturnos de chopin,
com alguns amigos escrever
o guia do amor descomplicado,
permitir à vida que nos comovesse
enquanto assava-se pão para toda a semana.
agora chovesse sobre miriápolis,
tamborilando em vasos e latas no quintal
enquanto nos distanciávamos indo para grifolux
onde sobretudo sabíamos florescer
o jardim de si.

pode ter saído de um romance de pasolini
(um dos seus “ragazzi de vitta”)
ou de um poema de konstantinos kaváfis

mas não,
veio a mim aqui mesmo do lado de fora da vida
e mais,
na verdade iria ao encontro de qualquer um

*

para HL

meu doce amor
sal da vida,
êxtase do domingo, após a feira.
desça de seu esconderijo entre as estrelas.

te introduzo nesta canção,
desde já,
para que não haja mais motivo de cancelá-lo

naquele início de década,
fomos versáteis e ecléticos.
oh deus! até hoje peço-vos
um bom violinista que me acompanhe
tornando-me, além de panificador,
também um cantor de blues.
enquanto isso, perder-se olhando
esses rapazes, seu desvario
em esportes com bola,
a forma esférica:
sua evolução no jogo
como nas coisas da vida:
paulo passa a bola para alice,
trabalham bem em campo.

*

misteriosos peixes noturnos
adernam sob as marquises

chove fininho
cavoucando delícia
quando nos deixamos beliscar



Poeta, artista e panificador, **Rollo de Resende** nasceu em Cambará, norte do Paraná, em 15 de agosto de 1965. Morou em Foz do Iguaçu e mudou-se para Curitiba em meados dos anos 1980. Publicou *Bem que Se Aviste Racho de Romã* (1988), pela Feira do Poeta, os poemas em cápsula de *Homeopoética* (1991, com Jane Sprenger Bodnar e Fernando Zanella), *Água Mineral* (1995) e *Uma Flor de Lótus* (1998, edição póstuma). Integrou o grupo Baú de Siganos, além de participar de diversas antologias e do projeto Disque-Poesia. Morreu em 23 de agosto de 1995, em Curitiba. Os poemas publicados pelo **Cândido** integram a antologia *Espáduas*, lançada neste mês pela Telaranha Edições.

Folha de rosto

Patrícia Pölzl

Patrícia Pölzl é artista visual e desde 2017 utiliza o processo de fotossíntese das plantas para revelar fotografias sobre as superfícies de folhas. Por meio das chamadas fitotipias, ela discorre sobre a efemeridade da existência, ciclos de vida e morte e a passagem do tempo. Patrícia também trabalha com *video mapping* e produção de máscaras para teatro. Seu trabalho pode ser visto em patriciapolzl.com.br ou no instagram @fitotipias. ◀















A tra dição e outros poemas

Jericho Brown

por Stephanie Borges

A tradição

Aster. Nasturtium. Delphinium. Com os dedos na terra
Pensávamos que a terra era nossa, aprendendo
Nomes no calor, nos elementos que os filósofos
Clássicos diziam que poderiam nos transformar. *Lírio.*
Dedaleira. O verão parecia florescer contra a vontade
Do sol, que segundo novos relatórios flameja mais quente
Sobre este planeta do que quando nossos falecidos pais
Secavam o suor do pescoço. *Cosmos. Véu-de-noiva.*
Homens como eu e meus irmãos filmávamos o que
Plantamos como prova de que existimos, antes
Que fosse tarde demais, acelerávamos o vídeo para ver
[os botões
Se abrirem em segundos, com cores que você espera
[ver em poemas
Em que o mundo acaba, tudo derrubado.
John Crawford. Eric Garner. Mike Brown.

The Tradition

Aster. Nasturtium. Delphinium. We thought
Fingers in dirt meant it was our dirt, learning
Names in heat, in elements classical
Philosophers said could change us. *Star Gazer.*
Foxglove. Summer seemed to bloom against the will
Of the sun, which news reports claimed flamed hotter
On this planet than when our dead fathers
Wiped sweat from their necks. *Cosmos. Baby's Breath.*
Men like me and my brothers filmed what we
Planted for proof we existed before
Too late, sped the video to see blossoms
Brought in seconds, colors you expect in poems
Where the world ends, everything cut down.
John Crawford. Eric Garner. Mike Brown.

Escuro

Estou cansado da sua tristeza,
Jericho Brown, da sua negritude,
Dos seus livros. De saco cheio de você
Me levar para a cama
Para eu esquecer o quanto estou
Cheio. Estou cansado da sua beleza,
Dos seus debates, sua preocupação, sua
Determinação em manter a bunda
Dura, da pouca grana que ganha.
Cansado de você dizendo não quando sim é fácil
Como um jovem, de saco cheio de você
Dizendo sim a todos os pedidos
Embora esteja tão cansado quanto qualquer um porém
Consumido por um único
Diagnóstico de saúde. Estou cansado
Da sua mágoa. Vejo que
Você está triste. Você pode ser feio,
mas isso não é novo.
Todo mundo que você conhece
Também é bem louco. Todo mundo que você ama é
Bem triste, ou, no mínimo, bem preto.

Dark

I am sick of your sadness,
Jericho Brown, your blackness,
Your books. Sick of you
Laying me down
So I forget how sick
I am. I'm sick of your good looks,
Your debates, your concern, your
Determination to keep your butt
Plump, the little money you earn.
I'm sick of you saying no when yes is as easy
As a young man, bored with you
Saying yes to every request
Though you're as tired as anyone else yet
Consumed with a single
Diagnosis of health. I'm sick
Of your hurting. I see that
You're blue. You may be ugly,
But that ain't new.
Everyone you know is
Just as cracked. Everyone you love is
As dark, or at least as black.

Cakewalk

Meu homem jura que o HIV dele é melhor que o meu,
[pois carrega um pouco
De ouro, algo que ele pode gastar se vier a envelhecer,
[ele diz que o meu
É cheio de chumbo, te deixa mais lento, ele me diz,
[olhando por cima do ombro. Mas
Continuo olhando as costas dele e digo que meu HIV é
[banal. Prático. Como
Moedas de um centavo. Como cobre. Ele pode conduzir
[eletricidade. Conservar o calor
Ou te dar um choque. Ele trabalha duro, ganha tanto
[quanto o meu sorriso.

Cakewalk

My man swears his HIV is better than mine, that his
[has in it a little
gold, something he can spend if he ever gets old,
[claims mine is full
of lead: slows you down, he tells me, looking over his
[shoulder. But
I keep my eyes on his behind, say my HIV is just fine.
[Practical. Like
pennies. Like copper. It can conduct electricity. Keep
[the heat on or
shock you. It works hard, earns as much as my smile.



- **Jericho Brown** nasceu em Louisiana (EUA), em 1976. É considerado um dos maiores poetas norte-americanos da atualidade. Com o seu livro de estreia, *Please* (2008), ganhou o American Book Award. Seu segundo trabalho, *The New Testament* (2014), foi nomeado um dos melhores títulos do ano pela crítica especializada. Em 2020, venceu o Pulitzer com *A Tradição*. Sua obra gira, principalmente, em torno de temas como ancestralidade, raça e sexualidade. Os poemas selecionados pelo **Cândido** foram traduzidos por Stephanie Borges e fazem parte de *A Tradição*, que será lançado no Brasil em maio na coleção *Círculo de Poemas* (fruto da parceria entre as editoras Fósforo e Luna Parque).

- **Stephanie Borges** é jornalista, poeta e tradutora. Seu livro de estreia, *Talvez Precisemos de um Nome Para Isso* (2019), recebeu o Prêmio Cepe Nacional de Literatura. Traduziu prosa e poesia de autoras como Audre Lorde, bell hooks, Claudia Rankine e Margaret Atwood.

EXPEDIENTE

Governador do Estado do Paraná

Carlos Massa Ratinho Junior

Secretária da Cultura do Estado do Paraná

Luciana Casagrande Pereira

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

Luiz Felipe Leprevost

Editor

Omar Godoy

Redatores

Hiago Rizzi

Isabella Serena

Luiz Felipe Cunha

Estagiários

Juliana Sehn

Leo Marino

Design Gráfico

Rita Solieri

Diagramação

Junior Milek

Colaboradores desta edição

Hilda Hilst

Jericho Brown

Patrícia Pölzl

Rollo de Resende

Stephanie Borges

Taylane Cruz

Ilustração de capa

Julien Guimarães



Cândido

imprensa@bpp.pr.gov.br

candido.bpp.pr.com.br

[instagram.com/candidobpp](https://www.instagram.com/candidobpp)



BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ



PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CULTURA

